

REAÇÃO DE MITSUDA EM CRIANÇAS DE 5 A 13 ANOS DE IDADE. ESTUDO COMPARATIVO ENTRE COMUNICANTES DE DOENTES LEPROMATOSOS E NÃO COMUNICANTES DE DOENTES DE LEPRA

O. CAMBIAGHI*

Apesar do grande número de publicações a respeito da reação de Mitsuda, não tem havido concordância entre os resultados obtidos, e em consequência, conclusões variáveis têm sido observadas, dependentes de técnicas adotadas no preparo do antígeno, de critérios desiguais de leitura e interpretação, etc.

Nessas condições compreende-se como é difícil e como pode ser falho um estudo comparativo entre os vários resultados e como urgiria uniformizar e padronizar esses trabalhos.

Encontramos na literatura alguns trabalhos relacionados com a reação de Mitsuda em crianças, os quais nos permitirão um estudo, tanto quanto possível, comparativo.

Nelson Souza Campos e Abraão Rotberg⁶ publicaram em 1948 um trabalho sobre lepromino-reação em indivíduos sãos, não comunicantes de casos de lepra. Em 107 menores, de 5 a 14 anos de idade, pertencentes a um orfanato de São Paulo, encontraram os seguintes resultados:

Negativos, 21 (24,4%); Positivos 1+, 46 (53,48%); 2+, 17 (19,76%); 3+, 2 (2,32%).

Posirividade 1+, 2+ e 3+ reunidas, 86 (75,56%).

Empregaram a lepromina integral de Mitsuda-Hayashi, preparadas segundo a técnica descrita por A. Rotberg¹³; e a leitura de 30 dias foi feita segundo a classificação de Hayashi: 3+, nódulos com mais de 1 cm; 2+, nódulos entre 5 mm e 1 cm; 1+, infiltração com menos de 5 mm.

Cândido Silva, Américo V. Rabelo Neto e Nilo Vervier¹⁵, em 1953, obtiveram, entre escolares de 7 a 14 anos de idade, não comunicantes e não becegeizados, de Nova Iguaçu, Estado do Rio, os seguintes resultados da reação de Mitsuda:

Negativos: 214 (26,4%); duvidosos: 132 (16,3%); positivos: 465 (57,3%).

Utilizaram o antígeno integral e inoculação de 0,1 cc intra-dérmica, verificando os resultados no fim da 3.^a até a 5.^a semana. Adotaram o seguinte critério de leitura: *negativa*, ausência de qualquer reação no local da inoculação; *duvidosa*, presença de pequeno nódulo, apenas palpável, sem modificação da coloração da pele, ou apenas leve tom eritematoso; *positiva fraca* (uma cruz), nódulo saliente, visível, infiltrado, até 5 mm de diâmetro, coloração eri-

* Médico do D. P. L., em Piracicaba, São Paulo.

têmato-arroxeadas; *positiva forte* (duas cruzes), nódulo saliente, visível, de diâmetro maior que 5 mm, arroxeadado, ulcerado ou não.

Del-Fávero¹⁰, no censo intensivo de Candêias (1946), encontrou em indivíduos não comunicantes de casos de lepra, do grupo etário de 5 a 14 anos, o seguinte resultado:

Mitsuda negativos: 1.094 (51,45%); Mitsuda positivos: 1.032 (48,54%).

Empregou a lepromina integral, em injeções intra-dérmicas de 0,1 cc e leitura na 4.^a semana. Critéria adotado: "considerou-se como positiva a reação que apresentava um nódulo ou placa eritematosa, infiltrados, ulcerados ou não, com as dimensões de 5 mm ou mais e negativa nos outros casos".

Fernandez¹², no seu trabalho "El leprolin test", 1934, encontrou em indivíduos sãos, sem antecedentes de lepra, de 2 e meio a 14 anos de idade, o seguinte resultado:

Mitsuda negativos: 2 (13,33%); Mitsuda positivos: 13 (86,66%).

Adotou o critério de leitura de Muir: negativo, nenhuma reação; 1+, eritema e infiltração até 5 mm; 2+, idem, de 5 a 10 mm; 3+, quando há pustulação e ulceração. O preparo do antígeno é feito segundo a técnica que descreve.

Luiz Marino Bechelli, Reynaldo Quagliato e S. J. Nacif⁴ tiveram oportunidade de observar os resultados da reação de Mitsuda entre escolares nacionais e holandeses, de 5 a 14 anos de idade, não comunicantes de casos de lepra, residentes na Fazenda Holambra, município de Mogí-Mirim, São Paulo, obtendo os seguintes resultados:

Holandeses: negativos, 66 (59,45%); ±, 13 (11,71%); 1+, 24 (21,62%); 2+, 4 (4,49%); 3+, 1 (1,12%).

Nacionais: negativos, 21 (23,59%); ±, 17 (19,10%); 1+, 46 (51,68%); 2+, 4 (4,49%); 3+, 1 (1,12%).

Utilizaram-se do antígeno preparado segundo a técnica de Mitsuda-Hayashi. E para a leitura de 30 dias, o critério da II Conferência Panamericana de Lepra, do Rio de Janeiro, em 1946.

O nosso trabalho foi realizado em agosto de 1956, utilizando-nos de escolares do Grupo Escolar da Usina Santa Bárbara, município de Santa Barbara D'Oeste, Estado de São Paulo, e de comunicantes de doentes lepromatosos pertencentes ao Dispensário Regional de Piracicaba, do Departamento de Profilaxia da Lepra, de São Paulo. Todos contavam de 5 a 13 anos de idade, não apresentando nenhum sinal de lepra.

Os escolares em número de 254 (143 do sexo masculino e 111 do sexo feminino), não eram comunicantes de casos de lepra. Submeteram-se à reação de Mitsuda, tendo sido empregada a lepromina integral, preparada no Dispensário de Piracicaba, segundo a técnica descrita no Compêndio de Leprologia, de Luiz Marino Bechelli e Abraão Rotberg, 1956 (técnica de Hayashi, modificada). Após nos certificarmos da riqueza bacilar do material, era ele inoculado na face anterior do braço, na dose de 0,1 cc. A leitura dos resultados foi feita 30 dias depois, obedecendo-se o critério do VI Congresso Internacional de Leprologia, realizado em Madrid, em outubro de 1953*. O quadro I reproduz os resultados encontrados:

* Negativa (—): ausência de qualquer reação local entre a 1.^a e a 4.^a semanas.

Duvidosa (±): infiltração dificilmente apreciável e menor de 3 mm. Positivo fraco (+): infiltração franca com 3 a 5 mm de diâmetro. Positiva moderada (++) : infiltração nodular com mais de 5 mm de diâmetro. Positiva forte (+++) : quando o infiltrado chega à ulceração.

QUADRO I

Reação de Mitsuda em 254 escolares, de 5 a 13 anos de idade, não comunicantes de casos de Lepra. Grupo Escolar da Usina Santa Bárbara, São Paulo, 1956

Resultados	Número de casos	Porcentagem
1 +, 2 + e 3 +	133	52,35
— e ±	121	47,63
1 +	117	46,06
2 +	10	3,93
3 +	6	2,36

Vemos que 52,35% das crianças tiveram reação de Mitsuda positiva 1+, 2+ e 3+, e o restante 47,63% de reações negativas e duvidosas. A maioria dos casos positivos pertence às reações 1+ (46,06%). Poucos são os casos com reações positivas 2+ (3,93%) e 3+ (2,36%). (Ver gráfico I).

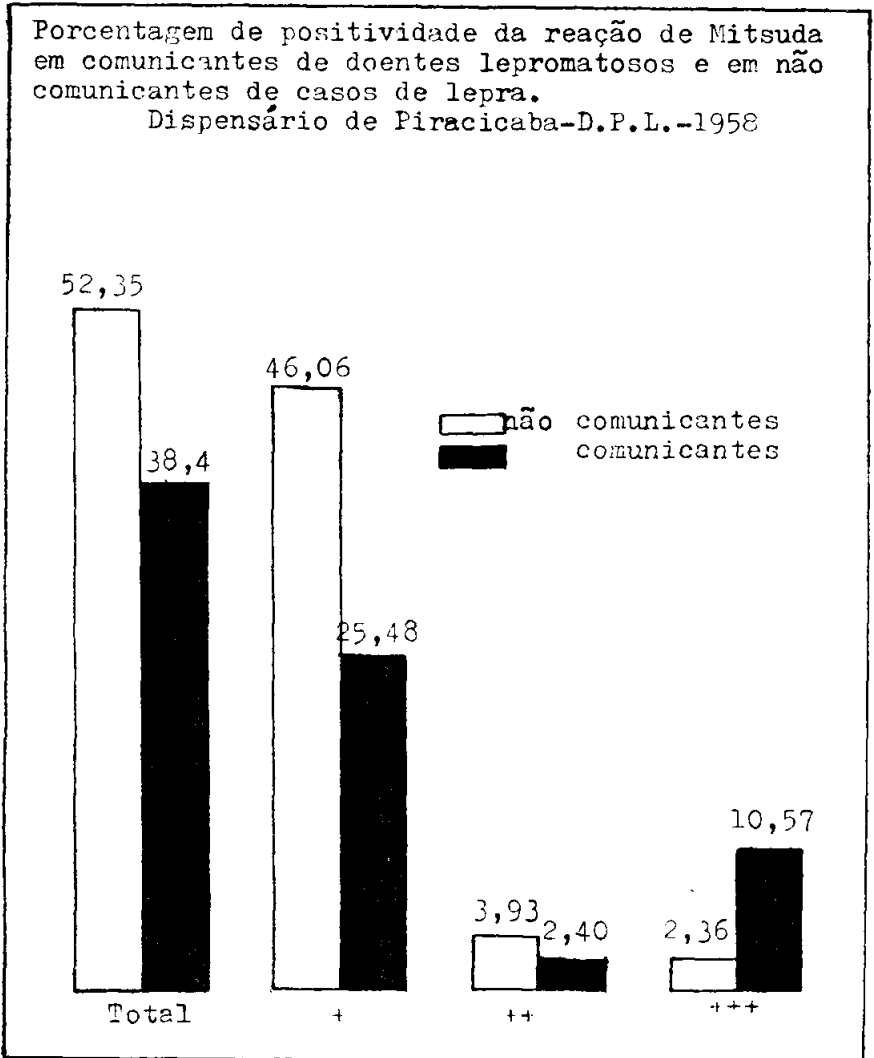
A seguir colocamos no quadro II os resultados separados segundo o sexo dos alunos.

QUADRO II

Reação de Mitsuda em 254 escolares, de 5 a 13 anos de idade, não comunicantes de casos de lepra, separados por sexo. Grupo Escolar da Usina Santa Bárbara, São Paulo, 1956

Resultados	Sexo masculino — 143		Sexo feminino — 111	
	N.º de casos	Porcentagem	N.º de casos	Porcentagem
1 +, 2 + e 3 +	72	50,33	63	56,75
— e ±	71	49,65	48	43,23
1 +	62	43,35	57	51,35
2 +	5	3,49	5	4,50
3 +	5	3,49	1	0,90

GRÁFICO I



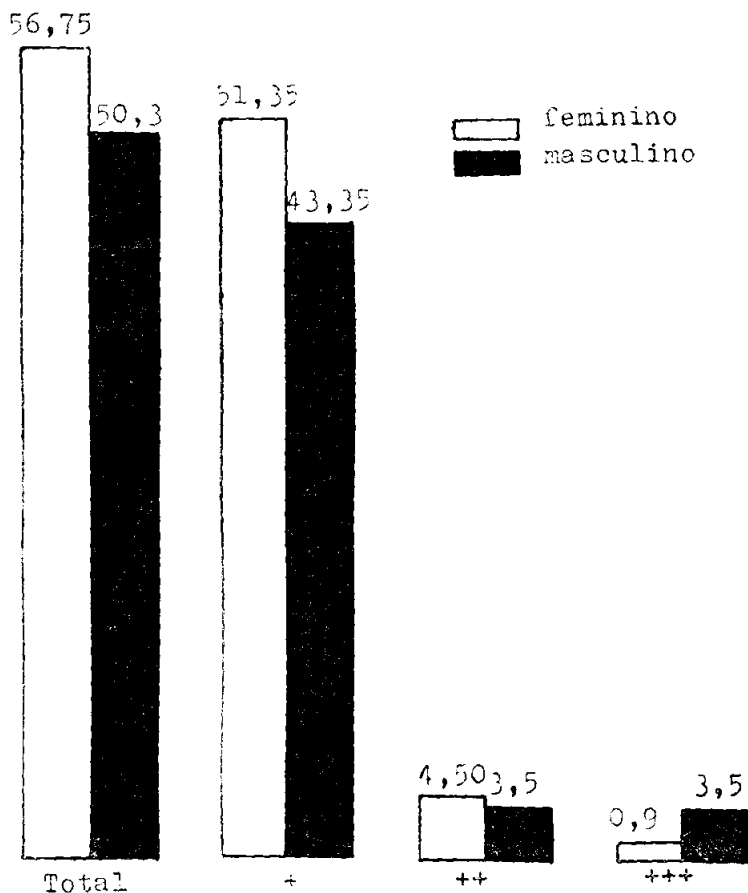
Em ambos os sexos a porcentagem de positividade é praticamente a mesma: os meninos com 50,33% e as meninas com 56,75%. (Ver quadro II).

No quadro III dispomos os resultados dos vários autores para um estudo tanto quanto possível comparativo.

GRÁFICO II

Porcentagem de positividade da reação de Mitsuda em escolares de 5 a 13 anos de idade, não comunicantes de casos de lepra, separados por sexo. - Usina Santa Bárbara - 1956

Dispensário de Piracicaba-D.P.L.



QUADRO III

Reação de Mitsuda entre menores, não comunicantes de casos de lepra.
Porcentagem observada por vários autores

	— e ±	1+	2+	3+	1+, 2+, 3+
Campos, N. S. e Rotberg, A. — 117 menores de 5 a 14 anos. Orfanato, Capital, 1948	21 (24,41)	46 (53,48)	17 (19,76)	2 (2,32)	86 (75,56)
Silva, C. e col. — Nova Iguaçu, 1953. 811 menores de 7 a 14 anos	350 (42,7)	—	—	—	465 (57,30)
Del-Fávero, W. — Candéias, 1946. Menores de 5 a 14 anos	1094 (51,45)	—	—	—	1032 (48,54)
Fernandez, J. M. M., 1934. Menores de 2 a 14 anos .	2 (13,33)	—	—	—	13 (86,66)
Bechelli, L. M. e col., 1957. Escolares de 5 a 14 anos. Fazenda Holambra:					
89 nacionais	38 (42,69)	46 (51,68)	4 (4,49)	1 (1,12)	51 (57,29)
111 holandeses	79 (71,17)	24 (21,62)	7 (6,30)	1 (0,90)	32 (28,82)
Usina Santa Bárbara, São Paulo, 1956 — 254 escolares de 5 a 13 anos	121 (47,63)	111 (46,06)	10 (3,93)	6 (2,36)	133 (52,35)

Uma vez verificado o resultado da reação de Mitsuda em menores não comunicantes de casos de lepra, procuramos conhecê-la então entre comunicantes, pertencentes ao grupo etário, de 5 a 13 anos de idade.

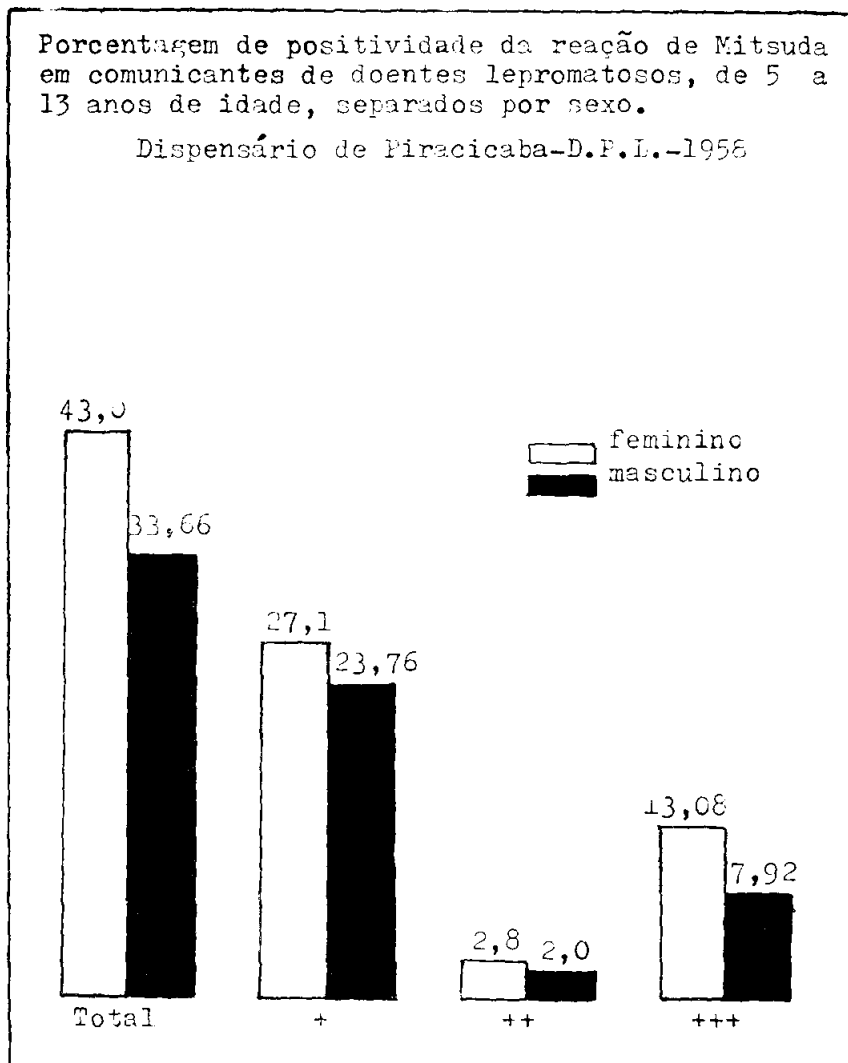
Encontramos na literatura alguns trabalhos sôbre o assunto, embora nem sempre seus autores façam referência à forma clínica da moléstia a que pertencem os comunicantes.

Assim, Cândido Silva e col., nos trabalhos já citados^{15, 16}, referem-se aos resultados da lepromino-reação em comunicantes de Nova Iguaçu, Estado do Rio. Encontraram, no grupo etário de 7 a 14 anos, 39,52% de positividade e 60,47% de negatividade e de casos duvidosos, no trabalho de 1953 (dados retirados do seu Quadro I); e 50,17% de positividade e 49,83% de negatividade e casos duvidosos, no trabalho de 1955 (dados retirados do seu Quadro II). Enquanto no primeiro trabalho consideram como *duvidosa* a reação que apresenta "pequeno nódulo, apenas palpável, sem modificação da coloração da pele, ou apenas leve tom eritematoso", e como *positiva* 1+, aquela apresentando "nódulo saliente, visível, infiltrado, até 5 mm de diâmetro, coloração eritemato-arroxeadas", já no segundo trabalho adotam critério diferente,

GRÁFICO III

Porcentagem de positividade da reação de Mitsuda em comunicantes de doentes lepromatosos, de 5 a 13 anos de idade, separados por sexo.

Dispensário de Piracicaba-D.F.L.-1956



considerando como *duvidoso* a reação que apresenta "pequeno nódulo com ou sem modificação da coloração da pele e podendo seu diâmetro ir até 4 mm"; e como *positiva* aquela que apresenta "nódulo saliente, infiltrado, de 5 mm de diâmetro ou mais".

Del-Fávero¹⁰, no censo de Candêias, 1946, encontrou entre os comunicantes do grupo etário de 5 a 14 anos, os seguintes resultados da reação de Mitsuda: negativos, 202 (52,19%); positivos, 182 (47,80%).

Rotberg¹³ em 1937, empregou a lepromina em crianças sadias filhas de leproso; dos seus resultados reproduzimos aqui apenas os do grupo etário de 4 a 15 anos: reação de Mitsuda positivas, 122 (46,03%); negativas, 143 (53,97%). Nesse trabalho, preparou o antígeno segundo a técnica de Hayashi, na qual introduziu algumas variações; e adotou, como critério de leitura, a classificação binária: reações negativas, de 0 a 0,5 cm (incluindo as reações negativas e positivas 1+ de Hayashi); reações positivas, acima de 0,5 cm (incluindo as reações 2+ e 3+ de Hayashi e 4+ de outros autores).

Fernandez¹² no seu trabalho citado, obteve, num reduzido número de comunicantes, de 3 a 15 anos de idade, os resultados seguintes da reação de Mitsuda negativos, 13 (43,3%); positivos, 17 (56,66%).

No nosso trabalho valemo-nos de 208 comunicantes de casos lepromatosos, isentos de sinais de lepra, pertencentes ao Dispensário de Piracicaba, do D. P. L., São Paulo, sendo 101 do sexo masculino e 107 do sexo feminino. Os resultados foram verificados durante os anos de 1957 e 1958, seguindo-se, para a leitura de 30 dias, o critério da II Conferência Panamericana de Lepra, Rio de Janeiro, 1946 e VII Congresso Internacional de Lepra, Tóquio, 1958.

Utilizamos-nos da lepromina integral, sendo que algumas amostras foram preparadas no próprio Dispensário de Piracicaba e outras procediam da Sede do D. P. L. em São Paulo.

Os resultados verificados foram os seguintes:

Dos 208 comunicantes, 80 (38,45%) tiveram reação de Mitsuda positiva 1+, 2+ e 3+; 128 (63,45%), reação negativa ou duvidosa. Das positivities encontradas, 53 (25,48%) foram 1+; 5 (2,40%), 2+ e 22 (10,57%), 3+.

No Quadro IV dispomos êsses resultados juntamente com os de Santa Barbara, para um estudo comparativo. (Ver também gráfico I).

QUADRO IV

Reação de Mitsuda entre comunicantes de doentes lepromatosos e não comunicantes de casos de lepra, de 5 a 13 anos de idade. Dispensário de Piracicaba — D. P. L. — São Paulo, 1958

Resultados	208 comunicantes		254 escolares - Usina S. Bárbara	
	N.º de casos	Porcentagem	N.º de casos	Porcentagem
1+, 2+ e 3+ .	80	38,45	133	52,35
— e ±	128	63,45	121	47,63
1+	53	25,48	117	46,06
2+	5	2,40	10	3,93
3+	22	10,57	6	2,36

Verifica-se que nas positivities 1+, 2+ e 3+ existe diferença apreciável entre comunicantes (38,45%) e não comunicantes (52,35%), favorável aos últimos.

Também as reações 1+ e 2+ reunidas, são mais numerosas entre os não comunicantes (50%), quase duas vezes mais do que entre os comunicantes (27,88%).

Com as reações positivas fortes 3+ dá-se o inverso: maior número delas entre os comunicantes (10,57%), quase cinco vezes mais do que entre os não comunicantes (2,36%).

Reunimos no Quadro V os resultados obtidos pelos vários autores, entre comunicantes e não comunicantes.

QUADRO V

**Reação de Mitsuda entre comunicantes e não comunicantes de casos de lepra.
Resultados obtidos por vários autores**

		Negativos	Positivos
Piracicaba (São Paulo)	Comunicantes de 5 a 13 anos, escolares da Usina Santa Bárbara (1958)	128 (61,53)	80 (38,46)
	Não comunicantes de 5 a 13 anos, escolares da Usina Santa Bárbara (1956)	121 (47,63)	133 (52,35)
Nova Iguaçu (Est. do Rio) (C. Silva e col.)	Comunicantes de 7 a 14 anos (1953)	127 (60,47)	83 (39,52)
	Comunicantes de 7 a 14 anos (1955)	139 (49,83)	612 (50,88)
	Não comunicantes de 7 a 14 anos (1953)	346 (42,70)	465 (57,30)
Candêias (Minas) (Del-Fávero)	Comunicantes de 5 a 14 anos (1946)	202 (52,19)	182 (47,80)
	Não comunicantes de 5 a 14 anos	1094 (52,45)	1032 (48,54)
Fernandez, J. M. M. 1934	Comunicantes de 3 a 15 anos ..	13 (43,33)	17 (56,66)
	Não comunicantes de 2 a 14 anos	2 (13,33)	13 (86,66)
Fernandez, J. M. M. 1947	Comunicantes de focos bacilíferos (crianças)	35,10)	(64,40)
	Comunicantes de focos fechados (crianças)	(65,60)	(34,40)

Vemos resultados diferentes. Para uns, os não comunicantes apresentam maior número de reações de Mitsuda positivas, do que os comunicantes (Piracicaba, Nova Iguaçu, 1953 e Fernandez, 1934); para outros os resultados se equivalem (Candêlas e Nova Iguaçu, 1955); e para outros, enfim, os comunicantes apresentam maior número de reações positivas do que os não comunicantes (Fernandez, 1947).

Cândido Silva e col.¹⁶, no trabalho citado, escrevem nos "Comentários": "Aliás, tudo leva a crer que o fato de ser convivente ou não de caso contagioso de lepra não induz alteração na reatividade lepromínica. Entre os casos que constam desta investigação, 677 indivíduos são comunicantes de casos de lepra lepromatosa, 181 de casos de lepra indiferenciada e 345 de casos de lepra tuberculóide. Os percentuais de lepromino-negativos nos três grupos, ao longo de todas as idades, guardam entre si diferenças pequenas que não são estatisticamente significativas".

Cândido Silva e Inalio de Castro¹⁷, respondendo ao inquérito da Revista Brasileira de Leprologia sobre a "Indução da reatividade lepromínica por meio da testagem repetida", referem a "presença de maior número relativo de lepromino-negativos entre os familiares de casos de lepra do que entre os não comunicantes".

Del-Fávero¹⁰, no censo de Candêlas, conclui: "Não houve diferença entre comunicantes e não comunicantes na maneira de reagir frente à reação de Mitsuda".

Também James A. Doull¹¹ refere que "não há diferença significativa na frequência da reatividade lepromínica entre os comunicantes de pacientes lepromatosos e não lepromatosos, ou pessoas que se ignora terem sido expostas a qualquer das formas de lepra; portanto, não existe correlação entre a reatividade e a oportunidade de infecção pelo M. leprae".

Nelson Souza Campos e col.⁸ observaram que filhos de doentes convivendo com seus pais lepromatosos, apresentavam maior número de "lepra-infecção" ou "lepra-doença" benigna, sempre com lepromina positiva, em comparação com crianças que, sem ascendência leprosa, conviveram com esses doentes, depois de idade mais avançada. Assim, em 185 crianças filhas de leprosos, de 2 a 16 anos de idade, encontraram 91,89% de positividade ao Mitsuda entre 37 crianças que tiveram contacto anterior com seus pais doentes, variável de um mês e 6 anos, ao passo que entre as crianças separadas ao nascer (148) esse índice foi de 64,19%, fato esse que "comprova a importância do contacto leproso no desencadeamento da reação lepromínica", concluem os autores.

Vemos opiniões diferentes sobre a influência que exerceria a moléstia em comunicantes: para certos autores ela determinaria menor número de reações positivas; para outros maior número; e para outros ainda, não teria influência alguma.

Examinando-se o gráfico I, nota-se como que uma reação paradoxal: comunicantes com menor número de reações positivas 1+, 2+ e 3+ (38,45%), em relação aos não comunicantes (52,35%); ao passo que com as reações positivas fortes 3+, dá-se o inverso: comunicantes com maior número delas (10,57%), em relação aos não comunicantes (2,35%).

O critério de interpretação da reação de Mitsuda tem variado entre os autores: Assim, Nelson Souza Campos⁷ considera como positivas, reações duvidosas. Cândido Silva e col.¹⁶ dão como duvidosos, nódulos até 4 mm de

diâmetro, sendo que num trabalho anterior consideravam como positivos 1+, nódulos até 5 mm. Del-Fávero da como negativos, nódulos ou placas com menos de 5 mm de diâmetro. Rotberg¹⁴ inclui na sua margem anérgica uma porcentagem variável, mas significativa, de reações 1+.

Luiz Marino Bechelli, Reynaldo Quagliato e Paulo Rath de Souza mostraram que reações positivas 1+ e 2+ em comunicantes, correspondiam, via de regra, à histologia positiva ou falando a favor de reação positiva, mas observaram também 2 casos de comunicantes com reação positiva 2+, cuja histologia foi negativa.

Colocamos a seguir, no Quadro VI, os resultados obtidos no Dispensário de Piracicaba, entre comunicantes de casos lepromatosos, e não comunicantes de casos de lepra, separados segundo o sexo.

QUADRO VI

Reação de Mitsuda entre comunicantes de casos lepromatosos e não comunicantes de casos de lepra, de 5 a 13 anos de idade, separados por sexo. Dispensário de Piracicaba — XI. P. L. — São Paulo, 1958

MITSU DA	Comunicantes: 208	Não comunicantes (escolares da Usina Santa Bárbara): 254
Sexo masculino:		
1+, 2+ e 3+	34 (33,66%)	72 (50,33%)
— e ±	67 (66,33%)	71 (49,65%)
1+	24 (23,76%)	62 (43,35%)
2+	2 (1,98%)	5 (3,49%)
3+	8 (7,92%)	5 (3,49%)
	Total: 101	Total: 143
Sexo feminino:		
1+, 2+ e 3+	46 (42,99%)	63 (56,75%)
— e ±	61 (57,00%)	48 (43,24%)
1+	29 (27,10%)	57 (51,35%)
2+	3 (2,80%)	5 (4,50%)
3+	14 (13,08%)	1 (0,90%)
	Total: 107	Total: 11

Pelo seu exame verifica-se que as meninas apresentam maior positividade 1+, 2+ e 3+ reunidas, do que os meninos, quer entre os não comunicantes (56,75% e 50,33% respectivamente), quer sobretudo entre os comunicantes (42,99% e 33,66% respectivamente). Tem-se a impressão de que o organismo feminino, frente à infecção leprosa, adquire maior capacidade de reagir a lepromina, do que o organismo masculino, no grupo etário referido. Esse fato é mais evidente quando se examinam os resultados positivos 3+. Enquanto entre os não comunicantes, as meninas respondem com 0,90% de positividade, entre os comunicantes elas respondem com 13,08%; ao passo que entre os meninos, esses dados são respectivamente 3,49% e 7,92%.

Del-Fávero 10, no censo de Candêias, obteve positivities diferentes das nossas. Considerando apenas o grupo etário de 5 a 14 anos, seus resultados foram os seguintes:

	Positivos	Negativos
Não comunicantes masculinos	513 (49,27%)	528 (50,72%)
Não comunicantes femininos	519 (47,84%)	566 (52,16%)
Comunicantes masculinos	95 (47,26%)	106 (52,73%)
Comunicantes femininos	90 (48,38%)	96 (51,61%)

E conclui : "não houve, na área recenseada, diferença entre os comunicantes e os não comunicantes na maneira de reagir frente à reação de Mitsuda". "Mao há influência do sexo nos resultados da reação de Mitsuda".

RESUMO

No presente trabalho procuramos estudar o modo de reagir a lepromina, de indivíduos pertencentes ao grupo etário de 5 a 13 anos de idade, isentos de sinais de lepra, uns comunicantes da forma lepromatosa da moléstia, outros não comunicantes de casos de lepra. Ao mesmo tempo compilamos na literatura alguns trabalhos semelhantes para um estudo tanto quanto possível comparativo.

Utilizamo-nos de 254 alunos do Grupo Escolar da Usina Santa Barbara, município de Santa Barbara D'Oeste, São Paulo, e de 208 comunicantes de lepromatosos pertencentes ao Dispensário de Piracicaba, do D. P. L., São Paulo. Foi empregada a lepromina integral, inoculando-a na face anterior do braço, na dose de 0,1 cm, e os resultados lidos 30 dias após, segundo o critério do VI Congresso Internacional de Lepra, Madrid, 1953.

Entre os escolares encontramos 52,35% de reações positivas ao Mitsuda (1+, 2+ e 3+), sendo 1+ 46,06%, 2+ 3,93% e 3+ 2,36%. Quanto aos sexos, a positividade foi praticamente a mesma: 50,33% os meninos; 56,75% as meninas.

Entre os comunicantes de casos lepromatosos, valemo-nos de 208, sendo 101 do sexo masculino e 107 do feminino.

Os resultados mostraram que os não comunicantes tiveram maior número de reações de Mitsuda positivas (52,35%), do que os comunicantes (38,35%), reações 1+, 2+ e 3+ reunidas. Quanto às reações fortemente positivas 3+, dá-se o inverso: maior número de reações positivas entre os comunican-

tes (10,57%), do que entre os não comunicantes (2,36%). Quanto ao sexo, as meninas apresentaram maior positividade 1+, 2+ e 3+ reunidas, do que os meninos (42,99% e 33,66% respectivamente). O mesmo fato se verifica com as reações positivas 3+ (13,08% e 7,92% respectivamente).

São citados trabalhos de outros autores mostrando resultados diferentes sobre a influência da moléstia em comunicantes, quanto ao modo de reagirem lepromina.

CONCLUSÕES

1) Menores de 5 e 13 anos de idade respondem diferentemente à reação de Mitsuda, conforme são comunicantes de casos lepromatosos, ou não são comunicantes de casos de lepra.

2) As reações de Mitsuda positivas 1+, 2+ e 3+ reunidas são mais numerosas entre os não comunicantes (52,35%), do que entre os comunicantes de casos lepromatosos (38,45%).

3) As reações positivas 1+ e 2+ são quase duas vezes mais numerosas entre os não comunicantes (50%), do que entre os comunicantes (27,88%).

4) As reações positivas fortes 3+ são quase 5 vezes mais numerosas entre os comunicantes (10,57%), do que entre os não comunicantes (2,36%).

5) Os menores do sexo feminino apresentam maior número de reações positivas, do que os do sexo masculino, quer entre os comunicantes (50% e 36,66% respectivamente), quer entre os não comunicantes (56,75% e 50,33% respectivamente).

BIBLIOGRAFIA

- 1a. BECHELLI, L. M. — Simpósio sobre os «Fundamentos para Utilização do BCG na Profilaxia da Lepra». Rev. Brasil. Leprol., **25**:289, 1957.
- 1b. BECHELLI, L. M. — Simpósio sobre a «Epidemiologia e a Profilaxia da Lepra (1933-1955)». Rev. Brasil. Leprol., **22**:190, 1954.
2. BECHELLI, L. M. & ROTBERG, A. — Compêndio de Leprologia. Rio de Janeiro, Serv. Nac. Lepra, 1951.
3. BECHELLI, L. M.; SOUZA, R. P.; QUAGLIATO, R. & outro — BCG por via oral e positividade remota do teste lepromínico em escolares sãos. Rev. Brasil. Leprol., **24**:1, 1956.
4. BECHELLI, L. M.; QUAGLIATO, R. & NASSIF, S. J. — Lepromino-reação em holandeses radicados há 2-3 anos no Brasil e sem contacto conhecido com doentes de lepra. Rev. Brasil. Leprol., **25**:107, 1957.
5. BECHELLI, L. M.; SOUZA, P. R. & QUAGLIATO, R. — Correlação entre os resultados da leitura clínica e do exame histopatológico da reação de Mitsuda. Rev. Brasil. Leprol., **25**:21, 1957.
6. CAMPOS, N. S. & ROTBERG, A. — Lepromino-reações em indivíduos sãos em São Paulo, não comunicantes. Rev. Brasil. Leprol., **18**:265, 1948.
7. CAMPOS, N. S.; ROSEMBERG, J. & AUN, J. N. — Da relação imuno-biológica entre tuberculose e lepra. II. Da inter-relação entre as reações tuberculínica e lepromínica em filhos de doentes de lepra. Rev. Brasil. Leprol., **18**:117, 1950.
8. CAMPOS, N. S.; ROSEMBERG, J. & AUN, J. N. — Significado patogênico da correlação dos resultados das reações lepromínica e tuberculínica em comunicantes de lepra. Rev. Brasil. Leprol., **24**(3):1, 1956.

9. CASTRO, I. — Análise estatística de alguns dados sôbre o teste lepromínico em comunicantes de lepra, obtidos em Nova Iguaçu, pelos Drs. C. Silva e A. V. Rabelo Neto. *Rev. Brasil. Leprol.* **25**:408, 1957.
10. DEL-FAVERO, W. — O censo intensivo de Candêias. *Arq. Serv. Nac. Lepra*, **6**:87, 1948.
11. DOULL, J. A. — Resposta ao inquérito sôbre «Indução da Reatividade Lepromínica por meio da testagem repetida». *Rev. Brasil. Leprol.*, **25**:197, 1957.
12. FERNANDEZ, J. M. M. — El Leprolin test. *Rev. Argent. Dermat.*, **18**(2.^a parte):108, 1934.
13. ROTBERG, A. — Some aspects of immunity in leprosy and their importance In epidemiology, pathogenesis and classification of forms of the disease. *Rev. Brasil. Leprol.*, **5**:45, 1937.
14. ROTBERG, A. — Fator «N» de resistência à lepra e relações com a reatividade lepromínica e tuberculínica — valor duvidoso do BCG na imunização antileprosa. *Rev. Brasil. Leprol.*, **25**:85, 1957.
15. SILVA, C.; RABELO, A. V., Neto & VERVIER, N. — Inquéritos lepromínicos em Nova Iguaçu (Estado do Rio). *Bol. Serv. Nac. Lepra* **13**:26, 1954.
16. RABELO, A. V., Neto & SILVA, C. — O teste lepromínico em comunicantes de casos de lepra. *Bol. Serv. Nac. Lepra*, **14**:107, 1955.
17. SILVA, C. & CASTRO, I. — Resposta ao Inquérito sôbre «Indução da reatividade lepromínica por meio da testagem repetida. *Rev. Brasil. Leprol.*, **25**: 194. 1957.